



Virgínia de Carvalho Nunes
Universidade de Aveiro

“Rosa – Riso”, de Nuno de Montemor: um conto “de leve”

Palavras-chave: Nuno de Montemor, conto, Júlio Dinis, Junqueiro, exemplaridade, comunitarismo, estilo.

Keywords: Nuno de Montemor, short story, Júlio Dinis, Junqueiro, exemplarity, comunitarianism, style.

Resumo: Nuno de Montemor constrói a diegese enquadrando as personagens em trabalho rural de uma aldeia comunitária à beira Estrela. E as características desse *modus vivendi*, dos seus costumes são transmitidas sobretudo pelo agir das personagens, tomando vulto a solidariedade e a generosidade das mesmas.

Abstract: Nuno de Montemor shapes his storyline by placing rural characters in a community village. The characteristics of their customs and lifestyle are mainly conveyed through their actions, giving special emphasis to their solidarity and generosity.

Vitorino Nemésio n’*O Dia*, jornal que fundou, em página que lhe era reservada, compreensivelmente com o título “Jornal de Vitorino Nemésio”, a propósito do centenário da morte de Júlio Dinis, discorda da conotação algo minimizante ínsita no “de leve” com que Eça de Queirós caracterizou a escrita dinisina. E justifica o facto com a habitual dificuldade em “levar as gerações dianteiras à tolerância e à compreensão das obras das gerações recuadas”.

Evoco o artigo, adaptando-o *mutatis mutandis* a um livro de contos de autor hoje esquecido, se não de muitos desconhecido, também romancista e poeta, em voga sobretudo na década de 30 e primeiros anos de 40 do século findo – Nuno de Montemor (1881-1964) –, que foi ainda colaborador da 2.ª série de “A Nação Portuguesa”, a par de nomes como António Sardinha, Afonso Lopes Vieira, João Lopes de Azevedo e muitos outros do nosso mundo cultural.

Intitula-se a obra *Pobrezinhos de Cristo*, título que poderá levar, desde logo, dada a sugestão de simplicidade e de empatia relativamente ao melhor do sentimento humano, a uma aproximação semanticamente cognata da expressão queirosiana. Integram o volume sete contos e vou ocupar-me do mais longo – “A Rosa – Riso” – composto por também sete capítulos.

De imediato somos introduzidos num espaço rural comunitário numa aldeia à beira da Estrela – a eira – cenário de movimentação contínua e intensa, no decurso dos trabalhos da malha, processo creio que hoje praticamente abandonado para a debulha dos cereais, sobretudo do trigo e do centeio. Movimentação expressa pelo uso de palavra semântica e gramaticalmente ajustada como «chegavam», «trazendo», «trepavam», «abrangiam», «empilhavam», «crescendo», «subindo»..., onde o imperfeito com o gerúndio são reis. Isto, sem falar ainda do uso da onomatopeia, a fazer ouvir os estampidos dos manguais e os «arrancos guturais dos malhadores», ao erguerem e descerem ininterruptamente os mesmos. uma azáfama que reflecte um trabalho penoso do nascer ao pôr do sol, e tanto mais que, no momento em

Virgínia de Carvalho Nunes, “Rosa – Riso”, de Nuno de Montemor: um conto “de leve”, *forma breve* 1, 2003, p. 179-183 | 179



que somos feitos espectadores, toda a agitação, todo o dinamismo contrasta com o estatismo, a imobilidade canicular, pela ausência total de aragem, de «dia ardente e sufocante de Agosto sem um bafo de vento».

Todavia, quase paradoxalmente, esta dureza, em meu entender, num olhar pormenorizado ao amplo espaço com que deparamos, poder-se-á dizer de bem menor relevância face a um pequeno quadro que profundamente nos toca: «velhinhas trôpegas e crianças respigadeiras» a atarem «montículos de espigas» que certamente se soltavam das medas altas dos mais ricos e das «mais baixas dos remediados», pequenas braçadas, sem dúvida, que «mulheres pobres, sentadas na eira, os lenços em bioco, a defender-se do sol e das praganas, iam malhando tristemente, com a maça curta de bater o linho».

É que Nuno de Montemor, sobretudo num parágrafo de discurso que aparentemente dir-se-ia referencial, faz uma aproximação magoada, de afectividade relativamente aos humildes. Assim, além de velhinhas (e chamo a atenção para o sufixo) e crianças em trabalho, com um simples advérbio – «tristemente» – define a atitude das «mulheres pobres» perante um labor para cuja execução até o objecto de que se servem – «a maça curta de bater o linho» – contrasta com a dimensão e poder dos manguais. Símbolo, afinal, de aspectos que a vida imutavelmente parece impor...

No entanto, o espaço comunitário, na medida em que o é, contribui, parece-me, para minorar esse aspecto conforme o autor explicita: «Como na aldeia onde todos possuíam a sua casa, também todos ali tinham o seu pão».

Familiarizado, pois, o leitor com essa área vital da aldeia, já que pão é sinónimo de vida, entra-se na diegese propriamente dita e os protagonistas, dadas as características já evocadas, nesse ambiente tinham que enquadrar-se.

Assim, terminada a malha do rapaz mais rico do povoado, uma vintena de homens para ela contratados, ainda arquejantes e em ceroulas de estopa e camisas de linho, aguardam a merenda comemorativa: «filhós doiradas, arroz doce, enfeitado a canela» sobre toalha branca estendida na relva seca. E o patrão, igualmente descalço, e que, a par deles, erguera sempre o mangual, ordena a uma trabalhadora, rapariga de extrema graciosidade e permanente sorriso, o que lhe valia a alcunha de Rosa-Riso, que principie a servir moscatel branco.

E todos os trabalhadores, realçando-lhe a beleza, começam a dirigir-lhe piropos, brindando à Rosa Graça, à Princesa das Malhas, o que, no fundo, a lisonjeava. Simultaneamente gracejavam e provocavam o patrão, dizendo-o não capaz de conquistar «os morangos daquela boca» que valiam mais que a «pinga» que lhes era oferecida, e os inspirava. Ora, assim incitado e excitado, o moço, ao chegar a sua vez, prende-a nas mãos e tenta provar os *morangos*, mas contrariamente à expectativa dos rapazes que até formaram roda, deixando-os no meio, Rosa procura furtar-se-lhe e agride-o com uma tamanca. Encerra-se, todavia, aparentemente em bem, o episódio, com cantares de ambos os sexos, desafiando-se.

Como anunciei, a diegese começa efectivamente aqui e os protagonistas facilmente se adivinha serem Rosa e o abastado moço, João Torres, relativamente ao qual, dadas as características da comunidade, no convívio entre eles, não há distinção. Mas, órfã de pais biológicos e adoptivos, Rosa, a mais pobrezinha, das raparigas da aldeia, não esquece o incidente da eira. De seu, apenas a casinha mais que humilde e uma pequena tira de terra, debrum da «veiga imensa» de João. E, indissociáveis terra e pão, este escasseava-lhe, à falta de trabalho que só o lavrador, na sua abundância, em todas as estações, podia proporcionar, pois só ele necessitava de braços estranhos. É certo que a rogara mais do que uma vez, mas ela recusa, deixando-o despeitado.

E, querida e acarinhada de todos, lá ia sobrevivendo e continuava a animar com a sua alegria, jogos e danças, no largo da aldeia ou à sua porta., nos dias de descanso.

Ora, numa das vezes, quando jogavam ao anel, avança para o grupo um outro, só de rapazes, com João à frente que inicia, ao som da viola, cantigas à desgarrada, visando Rosa que, mesmo provocada directamente, não responde.



Nestes moldes, sucedem-se as estações e, de novo, um tempo abrasador de estio, agora com falta de água que a todos atinge. E a veigazita de Rosa que, durante o ano, relembro, mal chegara para matar-lhe a fome. não obstante o pouco ganho na ajuda aos vizinhos remediados, secava minuto a minuto. Água, como o pão, era vida, e Rosa chorava e rezava: só Deus podia valer-lhe.

Do açude que havia longe e, no seu curso, ia servindo os terrenos, pouca era já a água que penetrava na propriedade do vizinho. Este, porém, avistando-a em tamanha aflição, sem ressentimento, oferece-lhe a que para ele resta, sacrificando umas parcelas. Também isto a moça recusa, mas, sem ela se aperceber, o rapaz mandou encarrear-lha.

E então assistimos a uma cena viva, real, de pancadaria com puxão de cabelos torcidos, entre uma rapariga rica, mas desajeitada, que rondava por ali, e todos julgam *prometida* de João Torres, e Rosa. Cena acompanhada de injúrias em que ao *porca* de uma responde o *bácora* de outra. É que, enciumada, ao aperceber-se do desvio, e insinuando conduta duvidosa de Rosa com João, a moça corta – lhe a água que o rapaz, arrependido, repito, de atitudes anteriores lhe tinha conduzido para a territa em detrimento das suas últimas leiras. E tudo continuava a morrer. Água, apenas a dos «olhos roxos» de Rosa a acompanhar as suas preces...

De repente, porém, ao cair da tarde, tolda-se o céu, em prenúncio de trovoada, e a chuva começa a cair e a fundir-se com as lágrimas e as sílabas emocionadas e agradecidas das Avé-Marias que a angustiada moça, ajoelhada à raiz duma macieira, reza à Virgem.

Viram-na alguns e passaram palavra. Então, no domingo a seguir, satisfazendo o que João lhes solicitara, moços e moças vão com ele a casa de Rosa-Riso para lhe formular pedido de noivado.

Diegese simples, ingénua até, e, em meu entender, pouco verosímil, mas absolutamente adaptada, simbólica mesmo do *modus vivendi* da aldeia, desde início posto em relevo – o espírito comunitário que os rapazes e raparigas vincam bem, ao responderem, corrigindo Rosa que os interroga acerca da necessidade de tantos a *pedi-la*: é que não vão pedi-la, vão dá-la, pois era a Rosa de todos eles.

Simplicidade e ingenuidade cujo desfecho, além do mais, simbologia à parte, nos leva a pensar, sem dúvida, em Júlio Dinis, sobretudo em Guida e Daniel, o sempre simpático par das “Pupilas...”, bem como no lirismo que lhe subjaz, inerente à “leveza” que Eça lhe atribui e, no entanto, o não afastou do areópago dos autores de que nos orgulhamos.

Mas, ainda no que respeita ao título da obra de Nuno de Montemor e à sua carga semântica, não nos ocorrem também de imediato *Os Simples* de Junqueiro? Não intitula ele até uma das poesias líricas dos mesmos “Os Pobrezinhos”, aqueles «pobres de pobres... /almas sem lares, aves sem ninhos»? E a «moleirinha santa... encarquilhada e benta», não poderá dizer-se irmã das «velhinhas trôpegas» do conto em análise? Até no espaço mais relevante, na estrutura do mesmo – a referida eira –, vejo similar nas junqueirianas «Eiras ao luar», de toque simbolista, onde se baila à volta de «medas de prata e oiro».

É certo que Junqueiro foi um dos mais polémicos autores dos fins de dezanove, mas sobretudo por razões de ordem sócio-ideológica. Porém, *Os Simples*, como escreve Jacinto do Prado Coelho, na sua exaltação dos puros e dos humildes são, «sem dúvida, a melhor colectânea do A., traduzem uma inspiração nova, mais íntima»¹:

Ora esta mesma aproximação, incluindo a imputada “leveza” a Júlio Dinis e que não impediu, mas dir-se-á mesmo, insisto, contributo de enriquecimento do nosso pecúlio literário, sente-se em Nuno de Montemor. Filia-se na sua condição vivida de sacerdote católico cujas obras reflectem a preocupação de exemplo a seguir, com personagens empenhadas em fazer o bem. Há nelas um irmanar-se aos humildes, nas suas privações, nas suas dores, ainda que, por vezes, ao arrepio da verosimilhança, como observa João Mendes e já assinala².

¹ Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1973, p. 514.

² João Mendes, *Brotéria* 23, 1936, p. 16 ss.



Mas, voltando de novo à diegese propriamente dita, tecnicamente estamos perante uma economia narrativa de acordo com os parâmetros estipulados para o género.

Nestes moldes decorre, pois, a acção propriamente dita, protagonizada por personagens dadas a conhecer, como vimos, no espaço rural com características definidas logo de início, e vivendo um quotidiano com ele concordante. Daí que, não obstante o corte no seu bom relacionamento, continuem a encontrar-se em manifestações colectivas de lazer, o que lhes permite ter presente e aludir mesmo, provocatoriamente, à situação. como nas “cantigas ao desafio” e jogos tradicionais, findos os quais, quase sempre vem o baile e os cantares em coro.

Um convívio do qual ressalta bem – e perdoe-se-me a redundância – o sentimento fraterno e a bondade daquelas almas que a terra partilham e a terra irmana.

Assim, em momento de aflição, quando a seca parecia pôr em risco a sobrevivência de Rosa, João tenta ajudá-la. E, como que premiando a bondade de um e as súplicas fervorosas de outra, do céu cai a «chuva milagrosa» que a pobrezinha de forma comovente agradece

E tudo ocorre, como digo, em parca dilação temporal, sem deixar, todavia, de dizer fundo do doloroso dum subsistir: «Durante o Inverno e a Primavera, o pão escasseara, por vezes, em casa de Rosa».

Com tudo isto, incluindo uma intenção de exemplaridade, que denominei pedagógica, julgo consorciar-se o estilo, na sua fluência e simplicidade, adequada esta ao meio e servida pelo uso de termos próprios, hoje talvez desconhecidos até das recentes gerações rurais, como, por exemplo, *pirtigos* e *coanhas*.

E ainda quanto ao estilo, dir-se-á que habilmente o autor, narrador heterodiegético, enfraquece a sua capacidade própria, relegando o vigor às personagens.

Assim é que, enquanto para ele, as características da beleza de Rosa são «vistosa, olhos com fulgor estranho de frescura e mistério», apontando mais para a alma, para aqueles malhadores que nos mostra vestidos, como realcei, graças a oferta da terra a que intimamente estão ligados e da qual dependem, em imagem na terra colhida, numa aliança que direi sinesteticamente sensual, de sabor e cor, Rosa é definida como «os morangos dessa da sua boca».

Aliado ao mérito literário que a “leveza” em causa lhe confere, o conto, tem ainda, como facilmente se deduz, um interesse de natureza etnográfica: o registo de jogos como o do anel, provavelmente já esquecidos, e de “cantigas ao desafio”, costume hoje infelizmente perdido, excepto, suponho, em muito poucas romarias nortenhas. Cantares, fruto de sabedoria popular, aparentados, sem dúvida, com a parenética e que permitem, como já tive e ocasião de escrever, que tal como os provérbios por eles se «afiram procedimentos e lancem veredictos»³.

(Permita-se-me, aqui, a título de mera curiosidade, um parêntesis, para lembrar que Junqueiro, estudante, porfiou, nestes moldes, com João Penha, servindo-se da parede duma taberna de Coimbra)⁴.

Contributo é ainda o conto para o conhecimento e estudo dum modo de vida com uma regulamentação própria, chamar-lhe-ei assim, como o era, há relativamente poucos anos, o caso de Vilarinho das Furnas, que o progresso submergiu. Aliás, ainda hoje, algo de vagamente aparentado pervive legalmente nos baldios.

Mas a “leveza” literária do conto e do volume que o integra, sugere-no-la também, de imediato, a simplicidade da dedicatória, modesta oferta, segundo o autor a um nome grande da medicina coimbrã – o Doutor Elísio de Moura. São «rosas de papel», a pagarem o ter-lhe salvo a vida, «sem frescura e sem aroma», pois, na sua Estrela natal, não as encontrou congnas com as que para tal fim lhe foram pedidas.

Um livro “leve” conotado com a alma de dois homens que conheci preocupados sempre com os humildes: o autor, quando me iniciava nas primeiras letras, acenando afectuosamente

³ V. Carvalho Nunes, «“Disparates” ou bom senso de Camões?», *Revista da Universidade de Aveiro/Letras* 17, 2000, p. 29.

⁴ Cf. E. Teodoro Wanke, *A trova*, ed. Pongetti, 1973, Rio de Jan.º, p. 220 e seg.



a todos, sobretudo às mães pobres, para cujos filhos fundou e dirigiu até à morte o Lactário Infantil da Guarda; como aluna universitária, seria improvável não conhecer o Doutor Elísio, com a sua típica cabeleira, para quem corriam, em alegre indisciplina, as mais pequeninas, mal entrava, como director, no Asilo da Infância Desvalida de que também foi fundador e que é, ainda hoje, continuando a ostentar o seu nome, residência das sempre baptizadas como as suas “florinhas”.



